

# A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 REIS

ANNO I

REDACÇÃO  
11—RUA DA ESPERANÇA—11  
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 27 de Janeiro de 1887

ASSIGNATURAS  
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 Rs.  
Pagamento adiantado

N. 8

## A REDEMPÇÃO

PAULO, 27 DE JANEIRO DE 1887.

do 7.º de Voluntarios

Como um velho farrapo, em um dos corêtos da Sé, estava, no dia de S. Paulo, dependurada a bandeira do 7.º batalhão de voluntarios paulistas, que foi ao Paraguay desaffrontar a honra nacional!

Que recompensa tiveram esses herôes?

Cumpriu o governo tantas promessas que fez?

Com que arrependimento, e quasi cheios de lagrimas, não olharão hoje esses mendigos para aquella estrella que os guiou á tantas glorias!

Aquella bandeira rota e esfarrapada é a imagem viva desses herôes, que hoje, rotos e esfarrapados, vivem no mais completo esquecimento.

Seria melhor que todos voltassem cegos da guerra para não verem a ingratiidão de que são victimas.

Ao passo que no corpo de urbanos se eleva a tenente um paizano, só porque soube bem desempenhar o facilissimo cargo de capitão do matto, um José Zeferino da Conceição, que derramou seu sangue pela patria, não passa de um miserô 2.º sargento!

A camara crea um emprego de archivista, para encaixar um malandrão, vindo de Taubaté, e depois de enjardal-o bem nessa sinecura, arranja-lhe mais o opiparo emprego de director do matadouro, com casa, 300\$000 mensaes, gaz, além de outras fatias que ransparecem.

Ao passo que o afteres Bernardo de Araújo Favares, que foi arrancado do seio de familia e que fez toda a campanha do Paraguay, voltando de louros, conseguindo unicamente por merecimento e sem protecção de ninguém o acesso e as condecorações que teve, jaz na maior miseria, bem como tantos outros herôes, victimas da ingratiidão de seus concidadãos e dos governos velhacos que temos tido.

Na camara mesmo temos uns ladainhas, conhecidos bebados e velhacos, aos quaes se fizeram empregos ad hoc para cevarem seus vicios, ao passo que voluntarios da patria, carregados de filhos, por ahí jazem na maior miseria e sem protecção alguma.

Dependura-se aquella bandeira na

## FOLHETIM

(8)

STOWE

## A CABANA DO PAE THOMAZ

### CAPITULO QUARTO

Uma Soirée na cabana do Pai Thomaz.

N'um canto havia um leito, com uma coberta acolchoada, branca como a neve, e um bocado de tapete, se não novo mas muito asseado, estendido diante do leito. Esta parte da cabana, representava a sala, e era tratada com uma notavel consideração, prohibindo-se á canalha pequena de não levar até ahí as suas incursões vagabundas; e quando a mãe Chloé se vê assentada na cadeira de braços ao pé do leito, julga, na verdade, haver conquistado um lugar nas altas regiões da sociedade. Um leito menos fastuoso occupa o outro canto da cabana. Brilhantes imagens, representando objectos da Escrip-tura Santa, e um retrato do general Washington (illuminado de tal modo, que o bravo herôe mesmo teria medo de si, se assim se contemplasse) ornavam as quatro paredes da cabana, muito bem caídas.

Sobre um grosseiro banco, dois molêques, de cabelo encarapinhado, de faces redondas e lustrosas, de olhos negros e brilhantes, vigiavam os primeiros passos que ensaiava de dar uma pretinha, sua

Cathedral, no dia de S. Paulo, como uma satyra a esses horôes, que por tolos foram desaffrontar a honra de uma nação que se peja de ver qualquer estrangeiro comprar um brasileiro para metter-lhe o bacalhau.

Antes essa gentetivesse trabalhado e combatido pela santa causa da redempção dos captivos, porque, ao menos, na miseria teriam a satisfação e o consolo de terem trabalhado por uma causa justa, restituindo a liberdade a milhões de miseráveis.

O governo deste paiz só recompensa a quem dispõe de eleitores.

Perderam os voluntarios o seu latim. Seria melhor que arrancassem aquella bandeira, para ficarem esquecidas tantas glorias.

## A situação e os abolicionistas

IV

Quando os oradores e escriptores abolicionistas asseveram ser a propriedade escrava oriunda do contrabando, consummado pela pirataria dos negreiros, conluída com aquelles que a compravam, conhecendo a sua origem illegal e criminosa, queixam-se os seus titulares de que por esse modo a propaganda abolicionista torna-se revolucionaria, attentando contra uma instituição, resguardada á sombra da lei.

Os escravocratas não têm razão, e os abolicionistas estão no seu direito, si quizerem organizar a propaganda da força, pois que é no proprio parlamento brasileiro, em sessão de 16 de Junho de 1831, que se classificou o proprietario de escravos africanos, adquiridos depois da convenção celebrada com a Gran-Bretanha, em 23 de Novembro de 1826, um criminoso, propondo-se contra elle, alem da perda dos escravos, a pena de dez annos de trabalhos em obras publicas.

Eis a intrega do projecto:

«A assembléa geral legislativa decreta:

Art. 1.º São livres todos aquelles africanos, que de qualquer sorte se comprovem terem sido por contrabando entrados no Brazil posteriormente á época da extincção do commercio da escravatura.

Art. 2.º Qualquer cidadão ou estrangeiro, que se reconhecer por senhor ou possuidor destes escravizados, além do perdimento delles, satisfará a pena de 10 annos de trabalho em obras publicas.

Art. 3.º Todo e qualquer cidadão ou

irmã mais moça; a qual, como todas as crianças nesse caso, ora cahe, ora se levanta, causando cada nova tentativa da bochechuda negrinha estrondosas acclamações dos dois irmãos.

Sobre uma mesa velha, e um pouco coxa, coberta d'um guardanapo, e posta ao pé do fogo, viam-se tijelas, e pratos, de diferentes cores e tamanhos, bem como as competentes colheres de páo, tudo por em no maior acieio.

A cabeça da mesa achava-se já assentado pai Thomaz, o herôe da nossa historia, que agora tomamos a liberdade de apresentar ao leitor.

O pai Thomaz é de estatura alta e robusto; seu rosto, negro como azeviche, e cujas feições são todas africanas, exprime um bom senso grave e reflectido, unido á bondade e á benevolencia; todo o seu ar respira uma dignidade natural, o respeito de si mesmo, bem como uma simplicidade humilde e confiante.

Agora, em quanto se prepara a ceia, vêmo lo occupado a copiar vagarosamente, e com o maior esmero, sobre uma pedra ardéza, letras do alphabeto, que Jorge, bello rapaz de treze annos, filho de mr. Shelby, lhe ensina a traçar, com toda a gravidade de um mestre de escola.

—Não é d'esse lado, pai Thomaz, é do outro! lhe grita elle com vivacidade, apercebendo Thomaz, laboriosamente occupado a virar ás avessas o pé de um g.

—Não vê que d'esse modo vai fazer um g?

—Ah! deveras? diz pai Thomaz, contemplando com respeitosa admiração os gg e os qq, que mr. Jorge multiplica com

estrangeiro, por si, ou por interposta pessoa, sem dependencia de fiança ou deposito, e até os mesmos escravos, são habéis para fazerem esta denuncia.

Art. 4.º Os juizes de paz não os privativos de uma tal julgação.

Art. 5.º Logo que a denuncia lhe fór feita, fará o juiz depositar em salvo de sevizias ou extraviu o suspeito escravizado, e obrigará o seu possuidor a demonstrar a legalidade de sua possessão em dias prefixos, segundo a necessidade, ou distancias; e findos estes sem a competente prova, e lavrado o auto sumario de todo este julgado, o fará remetter ao juiz criminal, fazendo igualmente prender o accusado, e dando declaração de liberdade ao escravizado.

Art. 6.º Deprehendendo-se dolo e má fé no denunciante livre, soffrerá as penas do codigo criminal, estendendo-se esta disposição aos instigadores, ou conselheiros dos escravos.

Art. 7.º Se das testemunhas e mais processos se inferir quem desembarcou, ou fez desembarcar os escravizados, será este responsabilado pelo triplo dos direitos sonegados, conforme as leis da fazenda publica, além da pena do art. 2.º

E caso resida em diferente parochia, o juiz de paz fará deprecar o cumprimento desta lei, officinando de participação ao fiscal da fazenda da provincia.

Art. 8.º Não invalidado este decreto quaesquer determinações anteriores.

Paço da camara dos deputados, aos 15 de Maio de 1831.—O deputado Lessa.»

Si o Brazil, regido pelo systema constitucional representativo, é presente-mente a unica nação, dotada de governo que se intitula livre, mas vive de facto no duplo regimen da escravidão domestica e politica, é porque os proprietarios de escravos estiveram sempre de posse das posições

economicas, e do funcionalismo, consanguineo salutar as legítimas aspirações da liberdade.

Os partidos politicos no Brazil, incluindo-se o proprio republicano, estão todos estragados e corrompidos pelo poder da escravidão, que em todos elles conta interesses e representantes.

Acceptar ainda divisões partidarias e confiar no poder de um dos partidos, acreditando que qualquer delles isoladamente possa extinguir a lepra abominavel que tem moral, politica e financeiramente corruído a nação, só seria sensato e patriótico, si em algum delles não houvessem escravocratas.

A formação do partido abolicionista é pois a unica solução que a experiencia de aspirações mallogradas, o cansaço de esperanças desilludidas, e o soffrimento permanente das classes livres da socie-

dade impõe á maioria da nação, considerada vencida, em face de uma minoria arrogante e cruel, como um barba-rio conquistador victorioso.

É preciso que o povo deixe os habitoes de socego e substituindo o sentimento do medo pela energia da coragem, convença-se de que o systema colonial que alimenta o despotismo já não tem o direito de impor-se no regimen constitucional representativo que, vivendo do direito e da justiça, legitima por isso mesmo a resistencia ao excesso do poder.

A escravidão não é, portanto, uma instituição creada por leis brasileiras, com tolerancia e acquiescencia da nação.

Estabelecida no regimen da monarchia absoluta, fundou seus titulos na força que opprimia politicamente a sociedade, para á sua sombra crear o captivo domestico.

Privilegio na essencia e na fórma, é a escola da aristocracia, do regimen das classes da nobreza ficticia, substituindo as justas elevações, que nascem do merecimento proprio, adquirido pelo legitimo exercicio da actividade humana.

A sua influencia abrange toda a esphera da vida humana, pervertendo o individuo, mudando o destino da sociedade, desvirtuando as relações da fraternidade humana e barbarizando o poder publico pela falsa noção e compressão do regimen politico e administrativo.

Nas diversas relações em que pôde ser estudada, duas ha em que localizam-se todos os soffrimentos, que ella impõe a humanidade como condicção da sua existencia e duração.

A que se refere ao escravidão, e a que importa ás classes que o não possuem...

Emquanto a classe média é sumamente menor em relação á dos escravos e senhores, a instituição vive, e fructifica os gozos, que por sua natureza prodigalisa e garante.

O regimen popular é sempre o da submissão e nullificação da opinião publica, prevalecendo a acção do poder forte e compressor da autoridade.

As lutas politicas apparentam a existencia de escholas definidas, e partidos descrimnados, porque a instituição caminha socegada, sem que a classe média ouze conspirar contra a sua existencia, nem mesmo pelo p nsamento.

Mas se a corrente do progresso se desenvolve e julga chegada a hora de restituir á classe média, que conseguiu

salchichas, e depois terá um prato de filhizes como ainda nunca comeo!

—Querião-me fazer cêiar em caza, diz Jorge; mas tão tôlo era eu que desprezasse os bons bocadinhos que cá me esperavão!

—É verdade, é verdade, meu coração, diz a mãe Chloé, enchendo-lhe o prato do que havia de melhor; bem sabia que a sua velha Chloé lhe havia sempre guardado o que ella tivesse de bom!

—É dizer que Tom Lincoln pretende que a sua Jenny é melhor cozinheira que a mãe Chloé—exclama Jorge, com a boca cheia.

—Que me importa a mim o que diz um Lincoln? responde mãe Chloé, com ar de desder. Que é um Lincoln em comparação de meus senhores?

—Podé ser que os Lincolns sejam pessoas muito honradas, não vou contra isso; mas que peso se pode dar a gentes de tão baixa extracção?

—Que ponham mr. Lincoln ao lado de mr. Shelby, meu Deus! e mrs Lincoln, entrará ella n'uma sala com esse ar nobre e majestoso da senhora? Deixe-me, não me falle mais nos seus Lincolns, que os não posso supportar!

—Mas, parece-me ter-lhe ouvido dizer, mãe Chloé, que Jenny não deixava de ser boa cozinheira?

—É possivel que eu dissesse ta! Jenny poderá fazer um serviço ordinario, mesmo alguns soffríveis pasteis; mas que vejam se o folhado da sua massa se desfaz na boca, como um caramello!

Quando casou miss. Mary Lincoln

destruidos...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

crescer, apesar de padecimentos supportados, em tributo forçado, ao privilegio da aristocracia de todos os partidos, fundem-se todos os interesses da instituição, cessa do as lutas politicas e partidarias degeneradas em verdadeira porria nacional, entre a conveniencia e a justiça o direito e o interesse.

É este o aspecto geral da nossa patria e para debellar o inimigo interno, que dispozo da força de um eleitorado restricto que b constitue legislador e advogado de seus interesses, juiz e parte ao mesmo tempo, só ha um recurso—unirem-se todos os que detestam a escravidão e supportam a influencia do seu regimen, para completar a emancipação do povo.

O grito de sete de Setembro não fez a independencia da nação brasileira.

Pode ter realizado a separação entre a colonia e a metropole se de facto ja não era realidade, mas, o povo brasileiro continuou escravo, tendo por seus senhores o fazendeiro nos latifundios e o poder pessoal do principe constitucional, despota de facto.

Depois de sete de Abril tivemos a maioria forçada do imperante e o dominio quasi permanente do partido conservador, cuja chefia o imperador quiz dissimular creando a conciliação e o progressismo.

Conflução na ordem politica, imitando o regimen da escravidão, que vive da intriga e divisões entre os escravos, para evitar a insurreição, como meio de enfraquecer a nação, inutilizar os homens, constituindo o poder moderador a unica força real da nação, é o aspecto que apresentam os partidos

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

Desistiu...

(Continua)



Historia lugubre da escravidão

Foi no anno de 184... Um navio negreiro, partindo do Rio de Janeiro, se dirigiu á Costa d'Africa, com o objectivo de transportar para o Brasil um completo carregamento de carne humana.

Deixando aquelle ponto, fez-se de vella para o alto mar, seguindo a rota que devia conduzir á seu destino a desgracada carga, destinada a encher as algibeiras do insaciavel negreiro.

O navio negreiro, aproveitando-se da aragem que enfunava suas velas, traçou de fugir da approximação daquelle navio, com os olhos visos e a approximação com interesse, do navio negreiro.

De todo perdida a esperança de fugir-lhe, deliberou o navio negreiro alijar ao mar a carga na esperança de alliviar o navio e assim poder mais facilmente fugir á perseguição, que o cruzeiro, desconfiado, procurava effectuar.

Carga ao mar! bradou o commandante. Carga ao mar! repetiu a feroz companhia!

Em poucos minutos foi o navio negreiro alliviado da carga, lançando á voracidade do mar 600 e tantos entes humanos, que alquebrados pelas torturas da accommodação, nem se quer podiam lutar contra a morte, que em poucos momentos ceifou tantas vidas, infelizes creaturas arrancadas do seio da cara patria; do regaço de seus erinhosos pais!

Consummada a vandálica carnificeria, preciso era destruir os signaes e vestígios do emprego daquelle navegação.

Os baúes foram desmontados e a aguada destruída, lançando-se ao mar os ferros (grilhões), sacos de cal e outros generos de torturas proprias, accessórias e de tão nefanda...

rados, quando, forçados ao máu tratamento, pretendiam alvorçar-se no porão. De balde, porém, empregaram os negreiros todos os esforços: o cruzeiro inglez chegou á falla, e um escaler, competentemente tripulado, dirigia-se a bordo do negreiro; e exigindo os competentes papeis, deu busca ao navio, descobrindo sem difficuldade o emprego do navio, reconhecendo que grande obra de malvadez havia sido praticada; pelo que, apprehendendo o navio, conduziu para o cruzeiro o commandante, piloto e capitão-bandeira; encerrou a companhia no porão do negreiro, guarnecendo-o com uma guarda da marinhagem ingleza, e ordenou que a presa seguisse na alhetta do cruzeiro.

Assim caminharam os dous navios, até que sobre vindo a noite, com ella sobreveio um temporal, que os se parou, não podendo mais ser avistado um do outro, ao amanhecer.

Cruel fatalidade! Novos crimes, novos horrores! Commercio nefando de desastrosos resultados! A companhia do navio negreiro, composta de marinheiros portuguezes, considerada completamente comprometida e, por conseguinte, perdida, concebeu o desastrado projecto de sublevar-se, e, na noite seguinte, aproveitando-se do silencio (pois tranquillia dormia a guarnição), illudindo a vigilancia, municiou-se das armas dos proprios inglezes e trucidou-os a todos, lançando-os ao mar e retomando o commando do navio.

Faltando-lhe, porém, o piloto, e o commandante, e quem soubesse dirigir com regularidade o commando do navio; não sabendo fazer uma rota segura, caminharam os malvados a esmo no alto mar, na esperança de alcançar um porto, que lhes offerecesse abrigo e desembarque.

No dia seguinte, á ultima carnificina, de novo foi avistada no horizonte uma vela, que suppondo os negreiros um auxilio ao seu desespero, dirigiram o seu rumo para aquella vela, que elles suppunham ser a salvação.

Qual foi, porém, seu espanto, quando, ao approximarem-se, reconheceram

ser aquella vela o mesmo cruzeiro que os havia apprehendido!

Tentaram de novo fugir-lhe; mas desta vez, com menos difficuldade, foi o negreiro de novo apresado. Conhecido o destino da infeliz companhia ingleza, que havia ficado a bordo do negreiro, foram estes mettidos a ferros e conduzidos para o cruzeiro, guarnecendo-se de novo a presa que não mais se apartou daquelle navio.

Foi a primeira resolução da guarnição ingleza fazer perecer a guarnição negreira, estrangulando-a ao lar da verga do traquete.

Philantropicos, porém, como sóem ser os inglezes, conferenciaram entre si e deliberaram conduzir os criminosos á Inglaterra, onde seriam julgados, como o caso o exigisse. Alli chegando os prisioneiros, foram enviados a Serra Leôa, como degradados, onde alguns perderam de enfermidades proprias daquelle logar, logrando outros escapar, vindo um d'elles parar ao Brasil, onde com a maior sem cerimonia, narra os tristes factos, que acabo de referir.

Este homem foi ainda por muito tempo empregado nesta provincia como conductor de escravos ao serviço dos traficantes negreiros, fallecendo afinal para dar contas a Deus de tantos crimes, já que na terra não encontrou o merecido castigo.

Como este, quantos horrores não seriam praticados pelos mercenarios ao serviço dos avidos negreiros, que sem caridade procuravam enriquecer á custa da innocente creatura, que, como sacos de café ou arroz, eram atulhados á cunha na incapacidade de uma embarcação negreira!

Entretanto já lá se vão mais de 40 annos, que estes factos se davam, e ainda o governo não procura reparar os grandes compromissos, tomados por seu consentimento, abolindo, como reparação, o repugnante estado da escravidão!

Ha 16 annos que não nasce no Brasil mais um escravo, e durante este longo periodo ainda os escravocratas não se consideram remunerados dos serviços daquelles que deviam estar gozando da sua justa e inteira liberdade, tendo enchido os seus insaciaveis erarios, regados com tantas lagrimas, sustentados com tantos horrores. E' que aquelles homens só conhecem as dôres que soffrem, pouco se importando com o que soffrem os outros.

Para aquelles homens não ha um Deus, porque o seu Deus é—o dinheiro, a sua deusa—a ambição.

Manes de Lincoln, velai sobre esta infeliz nação, já que em seu seio não medra a vontade soberana de um povo inteiro!

Manes de Lincoln, concedei-nos uma centelha do vosso espirito sapientissimo, para que possamos, como o vosso povo, exclamar: —Viva a liberdade! —

S. Paulo—Janeiro—1887.

AGNUS.

Cathedral

Sem o brilho dos tempos passados fez-se na Sé Cathedral a festa do nosso padroeiro São Paulo.

Parece que as idéas modernas, se bem que repellidas pelo clero, estão invadindo a igreja de Jesus Christo. Não ha mais o que antigamente chamava-se escrupulo; a Sé está reduzida a uma caverna de salteadores, com raras excepções.

Todos querem saber no fim do trimestre quanto ganharam, sem prestar serviço algum. A lei determina um ordenado aos empregados, e esse ordenado deve corresponder a um serviço determinado na mesma lei. Quando nem os bispos é licito licenciar empregados se não nos casos determinados por lei, o sr. reitor do seminario dispensa os capellães do côro, de sorte que, até nos domingos em que sempre houve missa cantada na Sé, nem côro existe mais.

Já sua excellencia reverendissima não tem força para conter aquella gente desenfreada. Metta duzia de padres seminaristas di-põem do bispado á sua vontade, e distribuem os empregos como e a quem querem. Sua exc. limita-se apenas a assignar papeis, sem ter animo de se oppor a cousa alguma. Virtuoso, torna-se vicioso por acobertar essas mazellas.

O que faria Christo se entrasse na Sé, armado de um vergalho?

Naturalmente teria de fazer o que fez

em Jerusalem, expellindo com aquelle instrumento os mercadores do templo. Occupa-se a policia constantemente a prender pequenos gatunos, que roubam um pão, muitos para matar a fome de muitos dias, ao passo que os empregados da Sé passeiam impunemente pelas ruas, sem que os urbanos apitem e o povo grite: pega ladrão!

A escravidão

VI

Tem-se combatido a abolição do trabalho escravo, com a ante economica e desorganizada das industrias constituídas.

É um erro de opinião. Como já vimos, o trabalho escravo, além de imperfecto, corresponde á metade do trabalho livre, e assim o serviço de um homem livre só pôde ser feito por dois escravos.

Depois, não se deve extorquir de nosso semelhante o direito, que naturalmente lhe pertence e que consiste principalmente no gozo de sua liberdade e do fructo de seu trabalho.

As sociedades, viciadas pela escravidão, atrophiam-se e isolam-se da communhão dos povos livres, merecendo o desprezo da humanidade.

A historia nos ensina que a escravidão só tem servido para enriquecer os senhores, para empobrecer e aviltar o paiz onde ella existe.

Os desastres que a sua abolição tem produzido, já nas Indias occidentaes, já na Inglaterra, Estados-Unidos e outros paizes, se têm justificado a injustiça de sua instituição, têm provado á evidencia que o desdobraimento da industria, commercio e lavoura, que o engrandecimento de um paiz, não podem existir sem ter por base o braço livre.

Os paizes, que aboliram os escravos, sem terem braços livres que os substituíssem, ou leis justas que obrigassem os libertos a trabalhar, soffreram decadencia nos primeiros tempos, mas logo que restabeleceram as industrias, o progresso ostentou-se com mais vantagem, mais rapidez e mais solidez.

Portanto, estamos persuadidos que a provincia de S. Paulo obterá a transformação do trabalho sem abalo, por causa do effeito atilado e justo de seus hábitos, e de seu desenvolvido lar-

garejo, e de seu activo e vigoroso em preparando os actuaes escravos ao regimen do trabalho livre, concedendo-lhes certas vantagens e favores.

É de lastimar, porém, que o mesmo facto não se dê em todo o paiz, porque ficaríamos alliviados de certos encargos que sobre nós pesarão, quer pela incuria do governo, quer pela de outras provincias.

Devemo-nos resignar a produzir para os desmandos governamentais, e para as nossas co-irmãs, até que a Providencia, em falta de patriotismo, se compadeça de nós.

Terminamos hoje os nos artigos, e esperamos que elles tenham sido levados á conta de nossos serviços a causa da humanidade e da patria; repetindo as seguintes palavras de Molinari, a proposito do assumpto:

«Lançando os olhos sobre um curto periodo da historia da humanidade, achar-se-á talvez que a escravidão apresou o desenvolvimento da riqueza material entre certos povos; mas abrangendo um periodo mais vasto, ficar-se-á convencido que ella retardou os progressos da riqueza e da civilização geral.»

No ponto de vista dos interesses geraes e permanentes da humanidade, a escravidão apparece, pois, como um facto prejudicial ao mesmo tempo que é iníquo, e a economia politica está de accordo com a philosophia e a moral para banila-a.»

Calembourg

Ha entre nós um poeta satyrico que além desta qualidade, prima pelos calembourgs.

Sabem-lhe naturalmente, espontaneos, a proposito. Conversam em uma das mesas do Paulista (terraço).

O nosso homem sustenta que é immoral o annuncio de escravo fugido nas paginas de um jornal que se presa.

O seu antagonista afirma que os jornaes têm obrigação de zelar pela lavoura, fonte de todas as riquezas nacionaes. —E' o que faltava, termina o poeta, depois de haverem os senhores lavrado-

res ridicularizado, insultado mesmo, a imprensa toda do paiz?

—Como? exclamaram todos. —Pois vocês não sabem que os srs. lavradores crearam um jornal e intitularam-no: —O Brado da Lavoura (obrado da lavoura).

Gargalhada geral. Não fosse elle um cardo!...

O jornal do Moreirinha

O Paulista, organ dos Moreirinhas, não se cansa de dizer que o partido liberal na assembléa provincial está perfeitamente unido e compacto.

Esse jornal parece que escreve para beócios ou pretende injuriar e deprimir os membros do partido liberal, que na assembléa provincial preferem salvar a honra dos principios a servirem de capacho aos interesses dos Moreirinhas.

Os srs. Candido Rodrigues, Silveira da Motta e A. Braga Filho, distinctos abolicionistas e que de mais a mais adheriram á chamada resistencia liberal, que tão profunda valla cavou entre os Moreirinhas de todos os naipes e os liberaes sinceros, aquelles senhores não acompanham e nem podem acompanhar aos surradores de negros.

Querem a prova? Os factos se encarregarão de apresental-a, e a oportunidadeahi está: queremos vêr se os srs. Castilho, Rodrigo, Pinhal e Queiroz, são capazes de votar pela revogação da lei de 1869 que fez das cadéas da provincia um curral do conchello da lavoura—ou pela localisação do escravo nas comarcas—projectos com os quaes os liberaes sinceros firmaram os seus principios politicos perante a provincia.

Sabemos que mais tarde elles appellaram para as celebres questões neutras (capa de transações, á custa da qual os Moreirinhas costumavam receber a senha do sr. A. Prado), e assim votaram contra os projectos abolicionistas.

Antes dessa prova, o Paulista não pôde apregoar a união, a harmonia entre os membros do partido liberal na assembléa. Votem os Moreirinhas pelos projectos dos srs. C. Rodrigues, Motta e Braga Filho, e só então acreditaremos que o esphacelado partido liberal está perfeitamente unido. O mais é encher a bocca de ar, pensando que alguém ainda se illude com a pose ridicula dos parasitas da escravidão.

A chamada resistencia não pôde submeter-se. Do contrario seria uma traição de mais á bandeira do partido, a que ella pretende servir.

FIDES.

O imperador exautorado

Foi hontem submettido a discussão o projecto assignado pelos liberaes denominados residentes, propondo a revogação da exorbitante lei provincial n. 36 de 7 de Julho de 1869, referente a prisão de escravos e gorjetas ás patulhas convertidas em sentinellas perdidas dos eitos alvorçados.

O distincto dr. Oliveira Braga, representante do brioso eleitorado de Santos, fallou diversas vezes e brillantemente em sustentação do projecto.

O dr. Candido Rodrigues fundamentou tambem o seu voto com precisão e vantagem doutrinaria.

O dr. Silveira da Motta, recorrendo ao elemento historico da elaboração da lei, demonstrou ter sido votada precipitadamente e sem discussão.

O dr. Rodrigo Lobato fugindo á questão principal da incompetencia das assembléas provinciais para legislarem sobre assumpto da alçada do poder geral, revelou ainda uma vez a influencia que a instituição exerce na politica e na administração recorrendo ao argumento ad-terrorum.

Nem o appello ás opiniões do monarcha poderam salvar o projecto.

Da bancada conservadora votaram a favor os drs. Aquilino do Amaral e Evaristo Cruz.

Acompanharam os residentes os drs. Assumpção e Ferreira Braga.

O dr. Augusto Queiroz esteve ausente e os republicanos foram coherentes, auxiliando a resistencia, embora a sua doutrina seja commoda demais e portanto inaceitavel.

Se o rei reina, governa e administra, e nisso baseado fulminou os golpes de estado de 16 de Julho e 20 de Agosto, a sua exautoração foi hontem completa.

A escolha de senador depois da votação da camera vitalicia ao projecto da resposta á falla do throno e das circulares eleitoraes do ministerio da agricultura, vão dar ao velho e novo mundo a justa medida da sinceridade das opiniões do imperador.

Dois são os meios que tenhante para afirmar as suas idéas e contentimentos pela felicidade publico.

A não sanção das leis, fataes a nação de que é então o primeiro defensor contra a degeneração do parlamento e a escolha dos senadores, pela confiança que lhe outhorger a nação concedendo-lhe a attribuição de escolhel-os, segundo a escola conservadora podendo fazel-o sem intervenção dos ministros.

Os conceitos imperiaes manifestados com ostensivo alarde foram hontem dessecatados pela bancada conservadora, apesar de ter cessado a interinidad politica, devida segundo se afirma á sua intervenção.

Os amigos do nobre ministro da agricultura não acertaram hontem, e o sr. Barão de Cotegipe que foi ministro da marinha em 16 de Julho, consentindo como presidente do Conselho de meposcabo e manifesta affrontação de sua Magestade, ou dos bellicos, ao Imperador, fe da situação, resignado a perdura todas as imprudencias daquillo que é obra do seu enfado para com os liberaes.

Seja como fór a replica ao monarcha foi hontem dada pelos conservadores e os liberaes escravocratas da assembléa provincial.

Parabens ao sr. Barão de Parabyba.

Os parasitas do negro

A lavoura está de olhos fechados, sonhando a eternidade da escravidão.

Os abolicionistas são pintados como agitadores de senzalas, papadores de peculio, perturbadores da disciplina do bacalhau, incendiarios dos grandes interesses do paiz, petroleiros—socialistas que nada tendo a perder querem reduzir a lavoura a andar de tanga, a pedir e-mola, uma vez que lhe falhe—o grande instrumento do trabalho, o misero escravidão.

E' essa cantiga de todas as esquinas. Pobre lavoura!

Os abolicionistas não fazem a propaganda da revolução, pois tem-se na conta de mais patriotas, de mais amigos da lavoura, do que uns tantos candidatos ineptissimos que costumam, em vesperas electoraes, encher a cabeça dos fazendeiros de mil e uma promessas de perpetuar o captivo, e por esse meio pilhar o voto.

Esses, sim, esses, são os parasitas da lavoura, embalando-a em utopias. A allicão é idéa vencedora, ninguém mais pôde arredal-a, por mais que se multipliquem os bacalhás nas fazendas e nos mercenarios politicos na imprensa.

Proclamar o contrario, incutindo no animo da lavoura a tola esperança de ter sempre os lavradores na commoda posição de parasitas do negro, é que é acto de torpissima especulação.

Amanhã, quando esses arautos do esclavagismo, dependerem dos votos abolicionistas, a lavoura não tel-os-á mais a seu lado. E' o interesse pessoal, exclusivamente pessoal, que a explora: e os ingenuos lavradores pre-tam-se de boamente a essa especulação.

Os abolicionistas olham para mais alto; agitam no dominio da lei a bandeira da emancipação, como um rebate salutar a todos que infelizmente ainda comen o pão quotidiano amasado com o suor do negro. Não illudem, não exploram; não avivam os maus sentimentos do egoismo, fazendo dos lavradores uns pobres parasitas da escravidão.

Não ha mais resistencias que possam conter a marcha da extinção do elemento servil. As melindas barbaras que se estão multiplicando na provincia, como expediente de desespero; as bandeiras de caça que se estão levantando em toda a parte; as novenas de bacalhau, os troncos nos anjinhos, as pégas, os viramundos, a fome, a tarefa dobrada e todos esses engenhosos apparatus que a perversidade tem multiplicado; tudo isso em logar da conter, accelera o movimento. Nos quadras até agora fechados aos extranhos, aquelles que não têm nada a perder—se levantarão os descontentamentos, e daí para uma insurreição geral o passo é infelizmente muito curto. A violencia, a perversidade podem atemorizar no primeiro momento, mas a reacção não tardará a revoltar-se, medonha, incalculavel, irreduzivel.

E se chegarmos a esse estado de confusão, sobre quem recahirá a culpa dessa desgraça? Sobre os abolicionistas? Não, esses estão no seu posto de propaganda legal, de agitação patriótica, apontando ha muito tempo a imminecia do perigo que nos cerca. Elles estão exortando os meios que a lei, que a transição do trabalho escravo para o trabalho livre não se opere de choque.

Se ha violencia e responsabilidade é da parte daquelles, que numa insensatez ridicula, pretendem conter á porta dos



quadrados a onda que vae invadindo o paiz inteiro;—é da parte daquelles que, illudindo a lavoura, querem perpetuar a negligencia, a inercia em que ella vive, á sombra de seus cafeeiros, entre alas de escravizados, em vez de a premunirem contra a crise, que mais dia menos dia ha de estalar.

É portanto necessario que a lavoura não se vingue nos quadrados—da propagação que fóra delles estamos agitando. R. fica bem—que a cincta s'rá o melhor conductor da liberdade para a consciencia dos escravizados. E se a agitação começar lá dentro, a lavoura será então a grande prejudicada.

A.

CORRESPONDENCIA

De Campinas para Campinas

irmã ingenua, do liberto Irineu, adeus, por ultimo, quatro dezes de brios, e dez lambadas por chocolate! E o que fazem as noticias da Redempção acerca de Campinas!

O dr. Cassiano, foi chamado para dar-lhe tratamento; achou-a optima para novadose amanhã.

Este medico quando veio de Minas, á primeira vez, em busca de fortuna em Campinas, trouxe na garupa uma preta bordadeira que vendeu, ao finado Nho da Lapa, por tres contos e duzentos mil réis. Havia-a comprado fiado, por quinhentos; eis como começou a sua fortuna.

Vale a pena os filhos de d. Ignacia!

Campinas, 22 de Janeiro

Chega ao meu conhecimento que na fazenda de um republicano, neste municipio, estão 4 escravizados com ferros nos pés e no pescoço.

Estes factos são communs em Campinas, por isso não me metto em considerações.

Destes republicanos está a provincia de São Paulo cheia.

Na minha primeira correspondencia para esta folha tratei de uma ingenua que era maltratada, sendo esbordoada constantemente. Pois aquella noticia fez com que o valente senhor, lhe applicasse 9 duzias de bolos.

Acertou, só mesmo agua quente a que rode com ellas, mas isso é bom se encontrarmos a geito.

O credor foi pregar a outra freguezia. E como este devedor ha muitos.

Já ha um certo rumor surdo n'esta cidade, onde faz-se saliente o Chico Fiscal, que no processo Cayára jurava que o botava nas galés e no entretanto foi e é o melhor amigo de Cayára, que ainda farrão os pobres pretos pagar com a vida esse crime.

Queremos ver isso, queremos ver um jury que absolveu hontem um assassino de negros com circunstancias mais horripilantes de malvadeze hoje condemnar os pobres que mataram para não serem mortos.

Queremos ver se o sr. Chico Fiscal dá as mesmas regalias que dava ao Cayára, quando p'ezo, que era o mesmo que estar solto, a esses pobres que se commetteram esse crime, foi em represalia do muito que tinham soffrido. Quem ha que soffra fome, frio e azorrague em cina? Que respondam os srs. escrivocatas.

N'outro numero darei mais amplos esclarecimentos.

Timbaó

Um devedor surdo por conveniencia

Chega-lhe um credor na occasião em que está na chacara a matar formigas com o tacão da bota.

—Boa tarde, sr. M. como tem passado? —E' verdade, meu amigo; é dar cabo dellas ou ficar sem rabanetes.

—Não trato disso, vim por causa daquelle letra já vencida.

—Qual! Isso não vale nada; tenho já gasto muito com esse tal formicida e de nada serve.

—O que não serve é o sr. amolar-me com sophismas. Ou paga, ou recorro ao juiz.

—Já usei verde-pariz, já; porém, levam-n'o para o buraco e continuão a comer.

—Digo-lhe que quero dinheiro, grita o credor zangado.

—Ora essa é sua: se eu soubesse onde estava o forniguetiro já o teria extirpado.

—Paga ou não paga?

—Cavo, cavo ha mais de oito dias e nada encontro; já está muito longe.

—O sr. parece que brinca commigo!

—Se fosse só o trigo, não era nada; porém é tudo, até o cebolinho.

—O sr. brinca, vou ter com o juiz de paz.

—Qual agua raz, nem kerosene; o bicho tem alma de gato, eu o conheço.

—O senhor o que é, é um caloteiró de patente.

—Acertou, só mesmo agua quente a que rode com ellas, mas isso é bom se encontrarmos a geito.

O credor foi pregar a outra freguezia. E como este devedor ha muitos.

ALBUM ABOLICIONISTA

Acto meritorio

Um pobre jornalista residente em Mogy das Cruzes, de nome Mathias José Rodrigues, acaba de no dia 20 do corrente praticar um acto meritorio libertando um seu escravo de nome Antonio, de 20 annos de idade, sem condição alguma.

Um pobre homem que ganha trabalhando de sol a sol 800 rs. por dia pratica um acto dessa ordem, ao passo que esses especuladores de casamento com viuva rica, querem vender liberdades e por bom preço!

E ha ainda quem aparta a mão a patifes dessa ordem.

Hoje as acções meritorias só são praticadas por aquelles a quem o publico chama plebeus.

O exmo. sr. desembargador João Bonifacio Gomes de Siqueira, conferiu no dia 16 do passado em Goyaz, liberdade a seu escravo Abrahão, por ser o dia anniversario da adhesão da provincia á independencia do imperio.

O antigo negociante da praça do Rio de Janeiro, o sr. João Correia da Silva, que actualmente reside na Europa, mandou que no dia 16 do corrente, em attenção ao anniversario natalicio de seu filho sr. Alfredo Correia da Silva, fossem libertados os seus dous escravos Manoel e Florenca. As cartas foram entregues pelo sr. Alfredo Correia—o filho festejado.

O juiz municipal de S. João da Barra, provincia do Rio, declarou livre o seu escravo Manoel, que, ha sete mezes, se achava preso na cadeia como fugido.

O sr. João Augusto Pereira de Lacerda, em Vassouras, passou carta de liberdade a um seu escravo.

D. Luiza de Moraes Patacão, residente em Pelotas, alforriou dous escravizados.

Os srs. Arsenio Correia Galvão e José Luiz de Mascarenhas, nesta capital, libertaram, cada um, um escravo.

O sr. major Domingos Sertorio, tambem nesta capital, entregou ante-hontem as sete cartas de liberdade que promettera; bem como, em nome de sua exma.

irmã d. Galdina Sertorio, mais tres aos unicos escravizados que a mesma senhora possuia.

—Em Campinas foram alforriados: Por dd. Hermelinda e Horaida de Moraes, com prestação de serviços, o escravo Joãoquin.

Por d. Anna Maria de Silva, sem onus o escravo Tiberio.

O sr. José Francisco de Paula Pessanha, alforriou a sua escravisada Ignez.

O sr. Conrado Meyer, deu carta de alforria a uma sua escravisada.

O sr. Bento Luiz de Souza, alforriou, sem onus, a sua escravisada Martha.

—Em Rezende foram libertados: Pelo dr. Aprigio Alves de Carvalho, importante fazendeiro, dous escravizados, ambos muito moços, sem condição alguma.

Por d. Lucia Antonia dos Santos, sem onus, cinco unicos escravizados que possuia.

Pelo cidadão Bonaventura Ricardo da Veiga, uma escravisada.

—D. Gertrudes Prestes Gomes, em Sorocaba, deu liberdade a uma sua escravisada.

—O dr. Carlos Thomaz de Magalhães Gomes, em Mar de Hespanha, alforriou dous escravizados.

O dr. Bento Orosimbo de Barros, nesta capital, alforriou um seu escravo.

—D. Maria Francisca de Almeida Rangel, no Rio-Novo, provincia de Minas, declarou livres vinte e oito escravizados seus.

D. Augusta Eugenia dos Santos, nesta capital, alforriou uma sua escravisada.

—O sr. Pedro Rousseau, em Campos, liberton uma sua escravisada.

—O sr. Jacintho Antonio de Lima, em Bragança, liberton, condicionalmente, uma sua escravisada.

—G sr. Antonio Euclides da Costa Alves, residente na estação de Corumbatahy, alforriou condicionalmente, dous escravizados de Luiz C. de Oliveira Borges.

O sr. Luiz Braga de Carvalho, no Parana, liberton a sua escravisada Beata.

—O artista Pery, no Amparo, com o producto de um espectáculo cedido generosamente, conseguiu a liberdade de Valerio, escravisado do dr. José Alves dos Santos.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica de annos

Fazem annos de hoje a 3 dias no Amparo, se não chover, o maior Batata e seu filho administrador, em Campinas João Lopes da Silva, que é negro e tem negro; Capm. Tico Duarte, o Lucas negro e pegador de negro, Marcellino Neger francez e pegador... já se sabe... José Rufino do Amaral, vulgo José Neginho e Joaquim Lopes Coelho escravocrata, ficando o resto a espera do proximo domingo.

Na capital fazem annos o preto Manoel Theodoro Rebello e o Miguel, que depois de ser escravo e urbano, é pega-escravos; Julio de Almeida, Pernambuco, Pacáu e outros collegas do mesmo officio, como Maneco Flautim de longas barbas e o vendeiro da Luz, em frente á Correccão.

Em S. José dos Campos o Cayara, o Alexandrino Marcondes e o Chico Fiscal. Todos a ultima camara, ficam esperados para fazer annos com o Capm. Joaquim Roberto e Julio de Almeida, que aceitam annuncios de pretos fugidos e aquelles jornalistas republicanos de Campinas amigos do Deus Baca lháu.

ANNUNCIOS

Fabrica de caixas de papelão

JOÃO LEITE & ARAUJO

RUA JOSÉ BONIFACIO, 5 A

Apromptam-se com brevidade e preços commodos: caixas para chapéus, camisas, meias, flores artificiaes, grinaldas, fogos e qualquer caixa de luxo

S. PAULO

Chapéus enfeitados, para senhoras, ultimas novidades 10, 12, 14, 16, 18, 20 e 25)

Para meninas, variado sortimento para homens e meninos, o que ha um mais moderno e barato. Vêr para crêr na chapellaria Velloso Braga

23—RUA DIREITA—23



Deposito de musicas e pianos

EDUARDO PONS & C.

S. PAULO

Rua de S. Bento, 27

Recebem encomendas para este ramo de negocio sendo promptamente executadas.

Tem sempre um lindo e moderno sortimento de musicas para piano, canto, banda, orchestra etc.

HIGH-LIFE

Largo do Rosario n. 2

O novo proprietario deste estabelecimento convida o respeitavel publico da capital e do interior da provincia para visitarem o seu estabelecimento, onde encontram um novo e completo sortimento dos seguintes objectos: charutos de Havana, Bahia e Hamburgo, cigarretes, cigarros de todas as qualidades, rapé, fumo Goyano, Barbacena Rio-Novo etc., etc.; piteiras, cigarreiras, charuteiras, bolsas, albums para retratos de diversos tamanhos, perfumarias dos mais acreditados fabricantes, de Rimel, Piver, Pinaud, Legrand, Guimard, Cotany, Farinas, Colgate e Atkinson. Meias de lã, seda, fio de Escocia e de algodão de diversos tamanhos.

Ha um variado sortimento de gravatas de todos os modelos, uma infinidade de escovas para roupa, cabelo, bigode, unhas e dentes, pentes de marfim, buffalo e gutaperch para alisar e para caspa. Bengalas para homens e creanças, guarda-chuvas de seda para homens e senhoras, bonecas de bisquit e de cêra, estojos para costura, guarnições de madreperola, tartaruga, buffalo e plaquet, botões para punho, peito e collarinho, thesouras e canivetes Rodges, finalmente, um grande sortimento de objectos de phantasia que só o freguez vendo é que comprará e que tudo se vende por menos de 1/2 do que em qualquer outra parte.

M. Jordão de Azevedo

LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

A seus numerosos amigos e freguezes a Loja do Rocha previne que acaba de receber completo sortimento de calçado Ferrip e outros fabricantes da Europa, e avisa que é o unico depositario do calçado Clark & Comp. (Travessa do Ouvidor n. 35, Rio de Janeiro.)

GRANDE OFFICINA DE CALÇADOS FINOS

LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

CHAPELLARIA MODERNA

16-Rua da Imperatriz-16

Tendo recebido um soberbo sortimento de fôrmas de palha para chapéus de senhoras e seus respectivos enfeites, o proprietario desta bem conhecida casa tem a honra de convidar ás exmas. familias a visitarem o seu estabelecimento, onde encontrarão o que ha de novidade e elegancia. A mesma casa tem sempre um lindo sortimento de chapéus para senhoras por preços baratissimos, desde 10\$ a 250000.

4-4

S. PAULO

São José dos Campos, 23 de Janeiro

Mais um crime commettido pelos filhos d'essa raça infeliz, que instigados pelo maldito azorrague, matam para não serem mortos pelos cicarios dos homens do metal.

Na madrugada de hoje (25) na fazenda do Sr. Antonio Salgado Cezar, fazendeiro d'este municipio, foi assassinado o feitor da mesma por 2 escravos. Deu lugar a isto o facto revoltante do despota senhor querer fazer os pobres e miseraveis pretos trabalharem hoje sendo um dia sancionado. D'entre elles os 2 assassinos figuraram ver ao feitor, que era dia santo e por isso era melhor não trabalharem.

Foi bastante esta simples observação para o atrevido maldito cair-lhes em cima até verter sangue de seus miseraveis corpos extenuados de fadiga e fome. Elles não podendo supportar, por mais que pedissem que não lhes dessem mais, lançaram mão da enchada e com ella o mataram.

Pergunto eu agora, se nós não fariamos o mesmo?... e não viriamos entrear-nos á justiça como elles fizeram?





# A' LA BELLE JARDINIÈRE

Roupas feitas francezas para homens e crianças

**COSTUMES COMPLETOS DE CASEMIRA DESDE 40\$**

Guardas-chuvas de seda, automatons a 8\$000

Variado sortimento de camisas, ceroulas e meias para homens e meninos.  
Enxovaes para casamento, roupas para lucto, grande quantidade de bengalas, preços reduzidos.

Costumes completos de brins a 7\$000. *Haute nouveauté* em lenços de seda. Gravatas plastons a 1\$000 cada uma.

Paletots de seda e palha de seda. Guarda pós de brim, cretone e palha de seda para homens e senhoras. Especialidade em roupinhas para crianças, cavours, ponches e sobretudos impermeaveis.

**A. LINO & COMP.**

**A' LA BELLE JARDINIÈRE**

Telephone, 65--Rua de S. Bento, 30

(Em frente ao Grande Hotel)

Ex-interessado do Bon Diabie

RUA DE S. BENTO, 30

TELEPHONE N. 65

**Chalet Felicidade**

DE  
Casimiro C. Pinto & Comp.

11 C-LARGO DA SE-11 C

(CASA COM BANDEIRA)

Letras de todas as loterias

Pagam-se os bilhetes premiados

Satisfaz-se a demanda para o interior

Fabrica de moveis a vapor

**S. LUIZ**

Nesta fabrica precisa-se de bons officiaes marceneiros, torneiros, lustradores e entalhadores. Pagam-se bons ordenados. Trata-se na rua do Conselheiro Furtado, 41, ou na rua do Ouvidor, 19.

5-5

## GRANDE FUNILARIA

PREÇOS SEM COMPETIDOR

**CARLOS NELSEN**

**36--RUA DO PRINCIPE--36**

S. PAULO

Encanamentos de ferro, chumbo, cobre etc. Banheiras de chuva, chuveiros simples, banheiras inteiras e meias. Colloca-se bombas de todos os systemas. Trabalhos em zinco, cobre etc. Torneiras de todos os systemas. Saidas para caixa d'agua. Grande quantidade de obras de folha e tudo mais que pertence a este ramo de negocio. Encarregam-se de qualquer trabalho pertencente a esta arte tanto aqui como para fóra.

## À FIGURA RISONHA

Completo sortimento de armarinho, modas e perfumarias

**VIEIRA DE CASTRO & SARAIVA**

10-RUA DE S. BENTO-10

EM FRENTE AO PARAFUZO

8-7

**Confeitaria Stadt Coblentz**

DE

**THEODORO CORDES & COMP.**

41-RUA DIREITA-41

Doces de todas as qualidades, chocolate fino, amendoas, pastilhas e caixinhas para as mesmas, pastelaria, doces seccos e crystalizados.

As encomendas são feitas com o maior promptidão e asseio

**S. PAULO**

8-6

**Ao Caçador**

GASPAR & GONCALVES

S. PAULO

Estabelecidos com casa especial de ferragens para construções

Caprichoso sortimento de cutelarias de todos os fabricantes modernos

Armamentos tintas e utensilios de pintor

ARMARINHO, PERFUMARIAS E OUTROS ARTICOS D'ESTE GENERO

PREÇOS SEM COMPETENCIA

## ANTIGA FABRICA DE BILHARES

DE

**Domingos Bertullucci**

Premiado na 1ª exposição provincial

Nesta casa encontra-se sempre um completo e variado sortimento de bilhares, e alugam-se para sociedades e casas particulares por preços razoaveis.

Tambem tem sempre um completo sortimento dos seguintes accessorios: pannos, bolas, tabellas, tacos, sollas, giz etc., etc.

Faz-se qualquer reforma em bilhares velhos com perfeição, assim como se encarrega de mandar para qualquer parte da provincia quaesquer encomendas

18-RUA DA ESPERANÇA-18

8-5

**S. Paulo**

**TYPOGRAPHIA UNIAO**

11-RUA DA ESPERANÇA-11

Nesta bem montada officina faz-se todo e qualquer trabalho concernente á arte.